

Mapeando estudos sobre estratégias de aprendizagem de alunos na 1ª etapa do ensino fundamental

Mapping studies on learning strategies of students in the first stage of elementary education

Estudios de mapeo sobre estrategias de aprendizaje de estudiantes de la primera etapa de educación primaria

Elis Regina Costa¹

Carolina Evangelista Barbosa²

Resumo: O objetivo deste estudo foi mapear estudos sobre estratégias de aprendizagem de alunos na primeira etapa do Ensino Fundamental. Utilizou-se a revisão sistemática de literatura, a qual identificou 37 estudos dentre 13 artigos, 5 teses e 13 dissertações, um TCC e duas apresentações em congressos que investigaram exclusivamente estratégias de aprendizagem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental nos últimos 26 anos (1993-2024). Os dados evidenciaram uma evolução no relato do uso de estratégias de aprendizagem cognitivas e metacognitivas do 1º ao 5º ano, tanto, bem como diferenças desenvolvimentais na utilização de estratégias mais sofisticadas com o avançar da idade e da escolaridade. O relato do uso de estratégias metacognitivas, tais como planejar, regular e monitorar já presente no início do processo de alfabetização no 1º ano. O planejar surgiu apoiado em imagens, histórias ou na própria escrita, recursos comuns nessa fase da alfabetização. Já o monitoramento apareceu muito associado a figura de outra pessoa a fim de regular ação e pensamento. Apontam-se lacunas e contribuições para a prática dos professores.

Palavras-chave: Ensino fundamental 1. Estratégias de aprendizagem. Revisão de literatura.

Abstract: The objective of this study was to map studies on learning strategies of students in the first stage of elementary school. A systematic literature review was used, which identified 37 studies among 13 articles, 5 theses and 13 dissertations, one undergraduate thesis and two conference presentations that exclusively investigated learning strategies from the 1st to the 5th grade of elementary school in the last 26 years (1993-2024). The data showed an evolution in the reported use of cognitive and metacognitive learning strategies from the 1st to the 5th grade, as well as developmental differences in the use of more sophisticated strategies with advancing age and schooling. The report of the use of metacognitive strategies, such as planning, regulating and monitoring, is already present at the beginning of the literacy process in the 1st grade. Planning emerged supported by images, stories or writing itself, resources common in this phase of literacy. Monitoring, on the other hand, appeared to be strongly associated with the figure of another person in order to regulate action and thought. Gaps in teaching practice and contributions to the field are identified.

Keywords : Elementary education. Learning strategies. Literature review

Resumen - El objetivo de este estudio fue mapear estudios sobre estrategias de aprendizaje de estudiantes en la primera etapa de la escuela primaria. Se utilizó una revisión sistemática de la literatura, que identificó 37 estudios entre 13 artículos, 5 tesis y 13 disertaciones, una tesis de pregrado y dos presentaciones de conferencias que investigaron exclusivamente

1 Doutora em Educação, Professora no Mestrado Profissional em Gestão Organizacional da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), elis.costa@ufcat.edu.br.

2 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal de Catalão (UFCAT), Professora na Prefeitura Municipal de Catalão e Goiandira (Goiás), carolinaevangelista@discente.ufcat.edu.br.

estrategias de aprendizaje del 1.er al 5.º grado de la escuela primaria en los últimos 26 años (1993-2024). Los datos mostraron una evolución en el uso reportado de estrategias de aprendizaje cognitivas y metacognitivas del 1.er al 5.º grado, así como diferencias de desarrollo en el uso de estrategias más sofisticadas con el avance de la edad y la escolaridad. El reporte del uso de estrategias metacognitivas, como la planificación, la regulación y el monitoreo, ya está presente al inicio del proceso de alfabetización en el 1.er grado. La planificación emergió apoyada por imágenes, historias o la propia escritura, recursos comunes en esta fase de la alfabetización. El monitoreo, por otro lado, pareció estar fuertemente asociado con la figura de otra persona para regular la acción y el pensamiento. Se identifican lagunas en la práctica docente y contribuciones al campo.

Palabras clave: Escuela primaria (1.º a 5.º grado). Estrategias de aprendizaje. Revisión bibliográfica.

1 INTRODUÇÃO

Almejando contribuir para a educação e a prática de professores, por meio de estudos sobre o uso de estratégias de aprendizagem, o propósito desta pesquisa foi mapear estudos sobre o tema na primeira etapa do Ensino Fundamental, em Programas de Pós-Graduação de universidades brasileiras e em periódicos científicos nacionais, publicados entre 1993 e 2024. Busca-se, com isso, indicar tendências, apontar lacunas e investigar possíveis contribuições dos estudos realizados no Brasil, especialmente no que se refere à formação de professores. Vale frisar que, esta pesquisa faz parte de um estudo mais amplo que visa conhecer as estratégias de aprendizagem de crianças brasileiras do 1º, 2º e 3º anos de uma escola no interior do Estado de Goiás.

Espera-se que os resultados obtidos possam abrir novas perspectivas para a análise das estratégias de aprendizagem utilizadas por alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no sentido de oferecer subsídios para intervenções psicopedagógicas a fim de otimizar o processo de aprendizagem de alunos nos anos iniciais do ensino fundamental, bem como apoiar políticas públicas baseadas em indicadores, reforçando a integração entre psicologia da educação e a educação (Costa, Boruchovitch, 2004; Mello, 2018; Mello, Alliprandini, 2022).

2 REFERENCIAL

O controle dos processos cognitivos, emocionais e comportamentais presentes na aprendizagem é o que se conceitua como aprendizagem autorregulada. O manejo do processo cognitivo refere-se à utilização de estratégias de aprendizagem, definidas como métodos,

atividades e procedimentos cognitivos que o aluno utiliza ao estudar e aprender. Tais processos facilitam a aquisição, o armazenamento e/ou a utilização da informação, transformando-a em conhecimento.

Dembo (1994) propôs a categorização das estratégias de aprendizagem como cognitivas e metacognitivas. As primeiras referem-se a comportamentos e pensamentos que influenciam o processo de aprendizagem; já as metacognitivas dizem respeito a procedimentos que os indivíduos usam para planejar, monitorar e regular o próprio processo de aprendizagem. Desse modo, o uso eficiente de estratégias de aprendizagem não só melhora o desempenho escolar, como também colabora para que os alunos sejam mais ativos e conscientes de seu processo de aprendizagem. A literatura ressalta que dominar o uso dessas estratégias proporciona ao discente melhor desempenho escolar do que àqueles que não as utilizam regularmente, além de permitir superar dificuldades pessoais e ambientais (Boruchovitch, 1999; Costa; Boruchovitch, 2009; Mello, 2018; Zimmerman, 2002). As estratégias de aprendizagem fazem parte do arcabouço teórico Psicologia cognitiva baseada na Teoria do Processamento da Informação, que estabelece uma analogia entre a memória humana e a do computador, enfatizando que ambas possuem capacidade limitada. Assim, para armazenar mais informações com menor sobrecarga, os indivíduos utilizam estratégias que garantem a passagem das informações da memória de curto prazo para a de longa duração (Boruchovitch, 1999).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Revisões sistemáticas devem empregar metodologias transparentes e replicáveis,

permitindo que o leitor compreenda a lógica por trás das conclusões dos autores, conforme postulado pelo *Evidence for Policy and Practice Information and Coordinating Centre* (EPPI-Centre), pela *Campbell Collaboration* e pela *Cochrane Library*. Diversos estudiosos enfatizam que uma revisão sistemática deve implementar estratégias de busca exaustivas, abrangendo toda a literatura pertinente a um domínio específico do conhecimento (Ramos; Faria; Faria, 2014).

As metodologias para a realização de uma revisão sistemática são definidas por meio da elaboração de um protocolo, formulado antes do início da coleta de dados. Esse protocolo delinea a estrutura da revisão, devendo explicitar os critérios de elegibilidade dos trabalhos e as estratégias para mitigar possíveis vieses. Normalmente, um protocolo inclui critérios para a inclusão de estudos e a avaliação de sua adequação à questão de pesquisa, bem como os critérios de exclusão. Diferentes autores propõem etapas a serem seguidas em um protocolo de revisão sistemática. Briner e Denyer (2012), por exemplo, indicam cinco etapas: 1) planejar a pesquisa; 2) localizar estudos de acordo com o objetivo; 3) avaliar as contribuições dos estudos; 4) analisar e sintetizar as informações; 5) relatar os resultados. Kofinas e Saur-Amaral (2008) resumem em três etapas: 1) definição do escopo e protocolo da revisão; 2) coleta e análise de dados; 3) discussão dos resultados e implicações. Neste trabalho, utilizou-se uma adaptação desse modelo.

2.1 DEFINIÇÃO DO ESCOPO E PROTOCOLO DA REVISÃO

Os critérios de inclusão basearam-se nos seguintes aspectos: 1) estudos científicos sobre o uso de estratégias de aprendizagem entre alunos da primeira etapa do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano); 2) artigos selecionados no Google Acadêmico, teses e dissertações publicadas no Catálogo da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), entre 1993 e 2024 – essas fontes foram escolhidas por oferecerem acesso gratuito e confiável a um amplo acervo; 3) pesquisas inseridas no arcabouço

teórico da Psicologia Cognitiva, com base na Teoria do Processamento da Informação e/ou em Teorias Sociocognitivas; 4) estudos com delineamento descritivo ou descritivo-correlacional. Já os critérios de exclusão contemplaram: 1) artigos, teses ou dissertações no formato de revisão de literatura; 2) indisponibilidade para *download*; 3) fuga ao escopo teórico pretendido; 4) estudos de intervenção.

2.2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Na coleta de dados, utilizou-se, inicialmente, três descritores para a busca de estudos: “estratégias de aprendizagem” e “ensino fundamental I” e “primeira etapa ensino fundamental”. Optou-se por artigos, teses e dissertações que investigaram somente a temática “estratégias de aprendizagem” na primeira etapa do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Vale esclarecer que, quando o estudo abordava também o segundo segmento do Ensino Fundamental, fez-se a leitura na íntegra para extrair somente dados da parte de resultados e discussão dos dados do 1º ao 5º ano. Os trabalhos investigados datam de 1993 a 2024, e a coleta ocorreu entre janeiro e março de 2025.

Após a leitura na íntegra de 49 estudos selecionados, observou-se que 43 investigaram o uso de estratégias de aprendizagem na Educação Infantil e no 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Já entre o 1º e o 9º ano, foram encontrados 18 estudos. A revisão sistemática identificou apenas 37 pesquisas que abordaram especificamente o uso de estratégias de aprendizagem na Educação Infantil e/ou na primeira etapa do Ensino Fundamental, sendo 13 artigos, 16 dissertações, cinco teses, duas apresentações orais em congresso e um trabalho de conclusão de curso (TCC).

2.3 ETAPAS DE ANÁLISE

Cada publicação passou pelas seguintes etapas: leitura do título e das palavras-chave; leitura do resumo para identificação de objetivos, metodologia, resultados e arcabouço teórico. Após essa triagem, fez-se o *download* dos trabalhos. Quando indisponíveis, foram

buscados nos repositórios das universidades ou das revistas. As investigações foram organizadas por ano. Após a primeira autora realizar a busca, o processo foi refeito por duas pesquisadoras da área de Educação, garantindo a confiabilidade dos dados.

Na busca por “estratégias de aprendizagem”, “ensino fundamental I” e “primeira etapa do ensino fundamental” no Google Acadêmico, surgiram 30.900 resultados. Fez-se a leitura até a aba 20. Após leitura de títulos e resumos, restaram 12 artigos. Destes, quatro foram descartados: um por possuir arcabouço teórico distinto, um por tratar de jogos na área de terapia ocupacional e dois por se tratar de intervenções. Na BDTD, localizaram-se 165 teses e dissertações. Após análise, 49 foram consideradas relevantes. Dessas, seis foram excluídas, permanecendo cinco teses e 16 dissertações. Os motivos de exclusão foram: arcabouço teórico distinto (1); pesquisa de intervenção (2); foco em crianças com transtorno do neurodesenvolvimento (1); estudo com professores (1); e pesquisa na área de terapia ocupacional, fora do campo da Educação (1).

2.4 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS

Após a coleta, os trabalhos foram catalogados por ano e analisados segundo as seguintes

categorias: tipo (artigo, tese ou dissertação), ano de publicação ou defesa, periódico ou universidade e palavras-chave. Em seguida, os principais resultados foram organizados por ano escolar. A próxima seção apresenta a análise quantitativa dos resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma dificuldade enfrentada foi a análise de dados exclusivamente da Educação Infantil e do 1º ao 5º ano, pois muitas pesquisas abrangem anos alternados do Ensino Fundamental, com análises centradas em padrões gerais e não por ano escolar. Vale esclarecer que, no presente estudo, busca-se apresentar apenas os resultados referentes à Educação Infantil e à primeira etapa do Ensino Fundamental, realizando a leitura integral de todas as pesquisas e extraíndo dados por segmento: Educação Infantil e 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

Apresenta-se, no Quadro 1, a descrição dos estudos selecionados, incluindo os títulos das pesquisas, os níveis de ensino investigados e o tipo de trabalho, os quais abordam estratégias de aprendizagem tanto na primeira quanto na segunda etapa do Ensino Fundamental. Em seguida, são detalhados os principais resultados encontrados, organizados por ano escolar.

Quadro 1- Estudos selecionados e níveis de ensino pesquisados

Título/Autoria	Etapa(s) Ensino Fundamental Por ano	Tipo de trabalho
1. 1. As estratégias de estudo para realização de provas de alunos de 5ª série do 1º grau (Boruchovitch, 1998).	5º	Apresentação oral
2. Developmental differences in the use of learning strategies among Brazilian students (Boruchovitch, 1999).	3º, 5º e 7º	Artigo
3. As estratégias de aprendizagem e a ansiedade de alunos do Ensino Fundamental: implicações para a prática educacional (Costa, 2000).	2º, 4º, 6º e 8º	Dissertação
4. As estratégias de aprendizagem e as atribuições de causalidade de alunos do ensino fundamental (Schlieper, 2001).	3º, 5º e 7º	Dissertação

Título/Autoria	Etapa(s) Ensino Fundamental Por ano	Tipo de trabalho
5. Algumas estratégias de compreensão em leitura de alunos do Ensino Fundamental (Boruchovitch, 2001).	3º, 5º e 7º	Artigo
6. Compreendendo relações entre estratégias de aprendizagem e a ansiedade de alunos do Ensino Fundamental de Campinas (Costa, 2004).	2º, 4º, 6º e 8º	Artigo
7. Sintomas depressivos, estratégias de aprendizagem e rendimento escolar de alunos do Ensino Fundamental (Cruvinel; Boruchovitch, 2004).	3º, 4º e 5º	Artigo
8. As estratégias de aprendizagem de alunos do Ensino Fundamental: uma análise por gênero, série escolar e idade (Serafim, 2004).	2º e 4º	TCC
9. Estratégias metacognitivas de leitura utilizadas de 2ª a 4ª séries do Ensino Fundamental (Carvalho, 2006).	2º, 3º e 4º	Dissertação
10. Pedir ajuda: uma estratégia de aprendizagem de estudantes do Ensino Fundamental. As estratégias de aprendizagem e o gênero entre escolares (Serafim; Boruchovitch, 2007).	2º, 3º e 4º	Apresentação oral
11. Estratégias de aprendizagem do aluno de 5ª série na resolução de situação (Ferreira, 2007).	5º	Dissertação
12. Auto-regulação da aprendizagem e a matemática escolar (Inglez de Souza, 2007).	4º, 6º e 8º	Tese
13. A aprendizagem da ortografia e o uso de estratégias metacognitivas (Monteiro, 2008).	2º	Dissertação
14. Escala de estratégias de aprendizagem para o ensino fundamental: análise de suas propriedades psicométricas (Oliveira, 2008).	2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º e 8º	Tese
15. Compreensão e estratégias de leitura no ensino fundamental (Piovezan; Castro, 2008).	2ª, 3ª e 4ª séries	Artigo
16. A estratégia de pedir ajuda de estudantes do ensino fundamental (Serafim, 2009).	2º, 3º e 4º	Dissertação
17. Correlatos cognitivos e psicossociais de crianças com e sem sintomas depressivos (Cruvinel, 2009).	3º e 4º	Tese
18. Estratégias de Aprendizagem e Sintomas de Depressão Infantil (Vicente Neto, 2010).	2º, 4º, 6º e 8º	Dissertação
19. As estratégias de aprendizagem de alunos repetentes do ensino fundamental (Costa; Boruchovitch, 2010).	4º, 5º, 6º, 7º, 8º e 9º	Artigo

Título/Autoria	Etapa(s) Ensino Fundamental Por ano	Tipo de trabalho
20. Estratégias de aprendizagem no ensino fundamental – relações com regulação emocional, motivação e rendimento escolar (Perassinoto, 2011).	2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º e 8º	Dissertação
21. Estratégias de aprendizagem no ensino fundamental análise por gênero, série escolar e idade (Oliveira; Boruchovitch; Santos, 2011).	2º, 4º, 6º e 8º	Artigo
22. Um estudo sobre hábitos e estratégias de aprendizagem na realização da lição de casa de alunos do Ensino Fundamental (Sacco, 2012).	1º ano	Dissertação
23. Categorias metacognitivas como subsídio à prática pedagógica (Portilho; Dreher, 2012).	3º, 5º, 7º e 9º	Artigo
24. Relações entre as estratégias de ensino do professor, com as estratégias de aprendizagem e a motivação para aprender de alunos do Ensino Fundamental 1 (Moreira, 2013).	2ª, 3ª e 4ª	Dissertação
25. O ensino das estratégias de compreensão leitora uma proposta com livros de literatura infantil (Silva, 2014).	5º	Tese
26. Monitoramento metacognitivo: um estudo sobre suas relações com o pedir ajuda, o autoconceito e a motivação para aprender de estudantes do Ensino Fundamental (Tanikawa, 2014).	3º, 4º, 5º e 8º	Dissertação
27. Compreensão de leitura, estratégias de aprendizagem e motivação para aprender em alunos do Ensino Fundamental I (Mateus, 2016).	3º, 4º, 5º e 8º	Dissertação
28. Estilos intelectuais, raciocínio verbal, estratégias de aprendizagem e compreensão de leitura no ensino fundamental (Trassi, 2016).	2º	Dissertação
29. Monitoramento Metacognitivo de alunos do Ensino Fundamental (Tanikawa; Boruchovitch, 2016).	2º, 3º, 4º e 5º	Artigo
30. Estratégias de aprendizagem e sua relação com o desempenho escolar em crianças do Ensino fundamental I (Prates; Lima; Ciasc, 2016).	2º, 3º, 4º, 5º e 6º 7º, 8º e 9º	Artigo
31. Estratégias de aprendizagem utilizadas por alunos do ensino fundamental I em processo de alfabetização (Mello, 2018).	2º	Dissertação
32. Estratégias de aprendizagem e a regulação da emoção no ensino fundamental (Suehiro; Boruchovitch; Schelini, 2018).	2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º e 9º	Artigo

Título/Autoria	Etapa(s) Ensino Fundamental Por ano	Tipo de trabalho
33. Estratégias de enfrentamento, estratégias de aprendizagem e motivação um estudo com escolares da zona rural (MST) e seus professores (Cunha, 2020).	1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º e 7º	Dissertação
34. Autorregulação, estratégias de aprendizagem e compreensão de leitura no Ensino Fundamental I (Fabri, 2020).	2º, 3º, 4º, 5º, 6º 7º, 8º e 9º	Tese
35. Estratégias de aprendizagem no ensino fundamental para- naense mapeando diferenças entre anos escolares (Oliveira et al., 2020).	2º, 3º, 4º e 5º	Artigo
36. Autorregulação, estratégias de aprendizagem e compreensão de leitura no Ensino Fundamental I (Fabri et al., 2022).	2º, 3º, 4º e 5º	Artigo
37. Pedir ajuda uma estratégia de aprendizagem pelo olhar de crianças de cinco e seis anos (Dal’ava, 2024).	Educação infantil	Dissertação

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

4.1 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS SOBRE O USO DE ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DESDE OS ANOS INICIAIS ATÉ O 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nesta seção, detalha-se a análise dos principais resultados encontrados sobre o uso de estratégias de aprendizagem na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Vale destacar que, como alguns estudos apresentaram análises globais — e não discriminadas por grau escolar —, somente serão descritos os que apontaram diferenças por ano escolar. Neste sentido, dos 37 estudos analisados, 12 foram excluídos pois não apresentaram a análise de dados por ano escolar. Assim sendo analisou-se 25. É importante ressaltar que os dados relativos à segunda etapa do Ensino Fundamental não serão discutidos neste artigo. Inicialmente, os dados foram organizados por ano escolar e, posteriormente, por gênero, bem como relações entre estratégias de aprendizagem e temáticas diversas.

Uso de Estratégias na Educação Infantil: Foi localizado um único estudo sobre estratégias de aprendizagem na Educação infantil. Dal’Ava (2024) pesquisou como a estratégia de pedir ajuda é percebida por (55) crianças de cinco e

seis anos em uma escola pública de Educação Infantil, da cidade de Campinas. Os professores participaram de uma formação inicial composta por três encontros de 100 minutos, voltada à apropriação do conceito de autorregulação da aprendizagem e à preparação de momentos de contação de histórias com foco na estratégia de pedir ajuda. A análise do material evidenciou que as crianças não reconhecem a estratégia de pedir ajuda como uma ferramenta de aprendizagem.

Uso de Estratégias no 1º ano: No mapeamento foi identificado apenas um estudo (Portilho; Dreher, 2012) que investigou o uso de estratégias de aprendizagem por crianças do 1º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa revelou que essas crianças já utilizam estratégias metacognitivas e planejam suas tarefas, ou seja, estabelecem metas e meios, de forma parcial (fragmentando a tarefa), ou de maneira automatizada (ordenando a sequência). Elas também supervisionam suas ações, detectam erros e desvios por meio de referências externas (fala, ação ou correção do outro), e justificam — ou não — suas escolhas. Além disso, avaliam os resultados e identificam facilidades e dificuldades na leitura e escrita de palavras ou letras. Em relação à estratégia de planeja-

mento, observou-se o uso de planejamento parcial e automatizado, especialmente apoiado em imagens, histórias ou na própria escrita — recursos comuns nessa fase da alfabetização. O planejamento automatizado, por sua vez, manifesta-se como uma ação espontânea, sem intenção ou consciência prévia, o que é natural no início da escolarização. Quanto à supervisão, verificou-se que, ao falar, ler e escrever, as crianças controlam a atividade, mas nem sempre justificam suas respostas. Como leitura e escrita ainda são domínios em construção, é comum que elas recorram ao outro como referencial para cumprir a tarefa — o que é compreensível para essa etapa.

Uso de Estratégias no 2º ano: Foram identificadas dez pesquisas que investigaram o uso de estratégias de aprendizagem por alunos do 2º ano do Ensino Fundamental (Costa, 2000; Fabri, 2020; Mello, 2018; Monteiro, 2008; Moreira, 2013; Oliveira, 2008; Perassinoto, 2011; Serafim, 2009; Serafim; Boruchovitch, 2007; Trassi, 2016). As estratégias de aprendizagem mais relatadas foram as cognitivas, tais como repetição e prática (Mello, 2018; Moreira, 2013; Perassinoto, 2011), seguidas das metacognitivas, relacionadas à autorregulação da aprendizagem (Mello, 2018), e das de administração de recursos, como uso de materiais e gerenciamento do tempo (Mello, 2018).

No que diz respeito à escala de estratégias de aprendizagem, observou-se que alunos da 2ª série mencionaram usar mais estratégias de aprendizagem do que alunos da 4ª e 8ª séries (Moreira, 2013; Oliveira, 2008; Perassinoto, 2011). Na subescala de ausência de estratégias metacognitivas disfuncionais, estudantes da 2ª e 4ª séries obtiveram pontuação superior à de alunos do 6º e 8º anos (Perassinoto, 2011). Contudo, Fabri (2020), ao estudar alunos do 2º ao 5º ano, encontrou baixa frequência de uso de estratégias como ensaio, elaboração e organização. A estratégia de pedir ajuda surgiu em estudos sobre tarefas de matemática (Costa, 2000) e momentos de estudo (Serafim; Boruchovitch, 2007), embora estudantes da 2ª série demonstrassem uma concepção negativa dessa estratégia (Serafim, 2009). Já no preparo para provas de Língua Portuguesa, alunos da

2ª série relataram procurar mais ajuda do que colegas do 4º, 6º e 8º anos (Costa, 2000). Eles também mencionaram recorrer mais ao apoio social para estudar conteúdos pouco interessantes — como forma de automotivação — do que alunos das demais séries (Costa, 2000). Quanto à organização do ambiente de estudo, os alunos mais jovens destacaram mais as condições físicas do espaço e a prática de estudar com outras pessoas (relação com o outro). Na comparação entre alunos da sala regular e da sala de recursos, os primeiros relataram usar mais estratégias cognitivas e de administração de recursos, enquanto os segundos utilizaram mais estratégias metacognitivas e de autorregulação social (Mello, 2018). No entanto, os estudantes da sala de recursos também mencionaram mais estratégias disfuncionais, potencialmente menos eficazes. Monteiro (2008) identificou que o uso de estratégias metacognitivas por estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental promoveu reflexão e autonomia na resolução de dificuldades ortográficas, com diminuição significativa dos erros ao longo do ano letivo. A transferência bem-sucedida dessas estratégias, por meio de atividades direcionadas, evidenciou a capacidade das crianças de identificar e corrigir suas imprecisões ortográficas, além de justificar suas hipóteses sobre convenções da escrita.

Uso de Estratégias no 3º ano: Foram localizados sete estudos com dados relativos ao 3º ano do Ensino Fundamental (Boruchovitch, 1999; Moreira, 2013; Oliveira *et al.*, 2020; Schlieper, 2001; Serafim, 2009; Tanikawa; Boruchovitch, 2016; Trassi, 2016). Os resultados indicaram que alunos desse nível escolar apresentaram certo grau de monitoramento da própria aprendizagem (Boruchovitch, 1999) e maiores pontuações em monitoramento metacognitivo (Tanikawa; Boruchovitch, 2016), em comparação com outros anos. Também foi identificado um declínio no desempenho de monitoramento com o avanço da escolaridade. Alunos do 3º ano relataram usar mais estratégias cognitivas (Oliveira *et al.*, 2020; Trassi, 2016) e metacognitivas (Moreira, 2013) do que estudantes do 2º, 4º e até do 9º ano. Foram observadas estratégias mais sofisticadas

das, como elaboração (Schlieper, 2001), possivelmente devido à maior maturidade cognitiva das crianças nessa etapa. Já Trassi (2016) apontou que estudantes do 3º ano usaram mais estratégias cognitivas que os do 4º e 5º anos. Em contrapartida, Moreira (2013) observou um decréscimo no uso dessas estratégias no 3º ano em comparação ao 2º e ao 4º anos, divergindo dos demais achados. Serafim (2009) verificou que alunos do 3º e 4º anos apresentaram concepção positiva sobre o uso de estratégias de aprendizagem, compreendendo-as como ferramentas úteis para aprender.

Uso de Estratégias no 4º ano: Foram identificados quatro estudos com foco no 4º ano do Ensino Fundamental (Carvalho, 2006; Oliveira; Boruchovitch; Santos, 2011; Perassinoto, 2011; Serafim, 2004). O estudo de Serafim (2004) apontou que alunos da 4ª série, sobretudo os de maior faixa etária, relataram uma quantidade mais elevada de estratégias de aprendizagem, além de estratégias mais elaboradas, em comparação com estudantes da 2ª série. Carvalho (2006) observou que alunos da 4ª série obtiveram escores mais altos do que os das outras séries nos três tipos de estratégias metacognitivas de leitura: suporte, solução de problemas e estratégias globais. Serafim e Boruchovitch (2007), ao investigarem o uso da estratégia de pedir ajuda por alunos da 2ª e da 4ª séries, constataram que, embora ambos os grupos relatassem recorrer a essa prática durante os estudos, os alunos mais velhos mencionaram sentir vergonha ao fazê-lo. Perassinoto (2011), ao analisar as estratégias de aprendizagem relatadas por estudantes da 2ª, 4ª, 6ª e 8ª séries, encontrou uma diferença significativa na escala geral: a 4ª série apresentou pontuação superior às demais. Na subescala “ausência de estratégias metacognitivas disfuncionais”, alunos da 2ª e da 4ª séries também obtiveram pontuações mais elevadas do que os da 6ª e 8ª séries.

Uso de Estratégias no 5º ano: Dois estudos (Ferreira, 2007; Sacco, 2012) apresentaram dados relevantes sobre o uso de estratégias de aprendizagem por alunos da 5ª série do Ensino Fundamental. Ferreira (2007), ao analisar

como 20 estudantes resolviam uma situação-problema de matemática, observou que os alunos foram capazes de avaliar suas atividades cognitivas, mas apresentaram dificuldades em planejar suas ações e compreender os conteúdos. Como consequência, recorreram mais à memorização e ao pensamento intuitivo. Sacco (2012) investigou a realização de tarefas de casa como meio de estimular hábitos e o uso de estratégias de aprendizagem. Os dados indicaram que os estudantes do 5º ano obtiveram as maiores pontuações no relato de bons hábitos e estratégias, sugerindo que alunos mais jovens relataram, com mais frequência, comportamentos favoráveis à aprendizagem durante a realização da lição de casa, em comparação com os mais velhos.

4.2 DIFERENÇAS NO USO DE ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM CONFORME O GÊNERO NA PRIMEIRA ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL E CORRELATOS ENTRE ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM E TEMÁTICAS DIVERSAS

No que se refere às diferenças de gênero no uso de estratégias de aprendizagem na primeira etapa do Ensino Fundamental, 12 estudos apontaram distinções relevantes (Carvalho, 2006; Cruvinel; Boruchovitch, 2004; Oliveira, 2008; Oliveira; Boruchovitch; Santos, 2011; Perassinoto, 2011; Piovezan; Castro, 2008; Sacco, 2012; Schlieper, 2001; Serafim, 2004, 2009; Vicente Neto, 2010). As alunas apresentaram pontuações superiores em relação aos meninos na utilização de estratégias de aprendizagem nos seguintes anos escolares: 2º (Oliveira, 2008; Oliveira; Boruchovitch; Santos, 2011), 3º (Carvalho, 2006), 4º (Carvalho, 2006) e 5º (Oliveira; Boruchovitch; Santos, 2011). Ainda, nas subescalas de estratégias cognitivas e metacognitivas, o gênero feminino obteve resultados superiores nos 2º, 3º, 5º e 7º anos (Oliveira, 2008).

O desempenho das meninas também se destacou na compreensão e uso de estratégias de leitura, conforme demonstrado por Piovezan e Castro (2008), em estudo com alunos da 2ª à 4ª séries do Ensino Fundamental. De modo semelhante, Sacco (2012) identificou

que meninas do 3º, 5º, 7º e 9º anos relataram usar, com mais frequência do que os meninos, hábitos e estratégias favoráveis à aprendizagem durante a realização de tarefas de casa. Contudo, em alguns estudos não foram identificadas diferenças significativas. Vicente Neto (2010), por exemplo, observou que os meninos apresentaram média superior no uso das estratégias de aprendizagem. Já Perassinoto (2011) constatou que meninas e meninos relataram, de forma semelhante, o uso de estratégias cognitivas, metacognitivas e estratégias prejudiciais à aprendizagem (Cruvinel; Boruchovitch, 2004; Perassinoto, 2011).

No estudo de Oliveira (2008), que incluiu alunos do 2º ao 8º ano, a subescala ausência de estratégias metacognitivas disfuncionais não apresentou diferenças significativas entre os gêneros. No entanto, nos 2º e 5º anos, as meninas demonstraram melhor desempenho nessa subescala. Apenas nos 3º e 4º anos não se verificaram diferenças significativas quanto à variável gênero. Por fim, Serafim (2009) não identificou relação significativa entre o uso da estratégia de pedir ajuda e o gênero nos 2º, 3º e 4º anos do Ensino Fundamental.

Algumas pesquisas nacionais investigaram correlações entre o uso de estratégias de aprendizagem por crianças do Ensino Fundamental e diferentes temáticas, como: atribuições de causalidade do sucesso e fracasso escolar (Schlieper, 2001); sintomas de depressão em crianças e adolescentes (Cruvinel, 2009; Vicente Neto, 2010); rendimento escolar (Cruvinel; Boruchovitch, 2004); ansiedade (Costa, 2000), repetência (Costa; Boruchovitch, 2010), motivação intrínseca (Perassinoto; Boruchovitch; Bzuneck, 2013), compreensão de leitura e motivação (Mateus, 2016), autorregulação e compreensão de leitura (Fabri, 2020), estratégias de enfrentamento (*coping* escolar) e motivação da aprendizagem (Cunha, 2020).

Para além dos dados descritivos, percebeu-se uma evolução no relato do uso de estratégias de aprendizagem do 1º ao 5º ano, tanto cognitivas quanto metacognitivas. De fato, a partir dos dados observou-se a aquisição gradativa das estratégias de aprendizagem, evidenciando diferenças desenvolvimentais

na utilização de estratégias mais sofisticadas com o avançar da idade e da escolaridade. Um dado interessante foi observado em relação a estratégia de pedir ajuda, evidenciando falta de conhecimento do pedir ajuda como estratégia na educação infantil (Dal'Ava, 2024), assim como uma concepção negativa de seu uso no 2º ano (Serafim, 2009). Uso de pedir ajuda para realizar tarefas de matemática no 2º ano (Costa, 2000), uso em ocasiões de estudo (Serafim; Boruchovitch, 2007) bem como procurar apoio social a fim de estudar conteúdos desmotivantes (Costa, 2000). No momento de estudar para as avaliações de Língua Portuguesa, alunos do 2º no mencionaram procurar mais ajuda do que colegas do 4º, 6º e 8º anos (Costa, 2000). De fato, estudantes do 4º ano mencionaram sentir vergonha ao fazê-lo (Serafim; Boruchovitch, 2007). Salienta-se a necessidade de mais estudos de caráter experimental sobre o pedir ajuda como estratégia de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental.

Surgiram relatos de uso de estratégias cognitivas, 3º ano (Trassi, 2016) e no 2º ano (Mello, 2018; Moreira, 2013; Perassinoto, 2011) e bem como de metacognitivas relacionadas a regular a aprendizagem, gerenciar recursos materiais, tempo de estudo (Mello, 2018), resolução de dificuldades ortográficas (Monteiro, 2008). Já no 4º ano, em comparação aos alunos de 2º e 3º anos, demonstraram uso mais significativo de estratégias metacognitivas para leitura (Carvalho, 2006). Vale ressaltar o relato do uso de estratégias metacognitivas, tais como planejar, regular e monitorar já presente no início do processo de alfabetização no 1º ano. O planejar surgiu apoiado em imagens, histórias ou na própria escrita, recursos comuns nessa fase da alfabetização. Já o monitoramento apareceu muito associado a figura de outra pessoa a fim de regular ação e pensamento (Portilho; Dreher, 2012). Porém as investigações de Perassinoto (2011) apontaram ausência de estratégias metacognitivas no 2º e 4º anos bem como estratégias metacognitivas disfuncionais no 6º e 8º anos. Apesar da consciência metacognitiva tender a desenvolver-se mais tardiamente, nos anos finais

do Ensino Fundamental, algumas pesquisas revisadas sugerem um desenvolvimento inicial das metacognição usadas por crianças desde o início da escolarização formal.

Na comparação entre os anos escolares, os dados apresentaram diferenças na quantidade mencionadas de estratégias do 2º ano em relação ao 4º e 8º anos (Moreira, 2013; Oliveira, 2008; Perassinoto, 2011). Os dados de Serafim (2004) e Perassinoto (2011) foram divergentes destes, apontando que, alunos do 4º ano relataram uma quantidade mais elevada de estratégias de aprendizagem do que estudantes do 2º ano, 6º e 8º anos.

Outros dados interessantes surgiram relativo à organização do ambiente de estudo, alunos do 2º e 4º anos enfatizaram mais as condições físicas do espaço e a prática de estudar com outras pessoas (relação com o outro) do que estudantes do 6º e 8º anos (Costa, 2000). Alunos do 3º ano, na comparação com o 5º e 7º anos, apresentaram certo grau de monitoramento da própria aprendizagem (Boruchovitch, 1999) e maiores pontuações em monitoramento metacognitivo (Tanikawa; Boruchovitch, 2016).

Presença de estratégias metacognitivas disfuncionais no 6º e 8º anos e ausência no 2º e 4º anos (Perassinoto, 2011). Relativo a organização do ambiente de estudo, os alunos do 2º e 4º anos enfatizaram mais as condições físicas do espaço e a prática de estudar com outras pessoas (relação com o outro) do que estudantes do 6º e 8º anos. B (Costa, 2000). Alunos do 3º ano, na comparação com o 5º e 7º anos, apresentaram certo grau de monitoramento da própria aprendizagem (Boruchovitch, 1999) e maiores pontuações em monitoramento metacognitivo (Tanikawa; Boruchovitch, 2016). Constatou um decréscimo no monitoramento com o avançar da escolaridade.

Quanto a relação utilização de estratégias de aprendizagem e gênero, os resultados foram divergentes. Enquanto algumas pesquisas apontaram diferenças em favor das alunas no 2º, 3º e 5º anos (Oliveira, 2008; Oliveira; Boruchovitch; Santos, 2011; Carvalho, 2006; Oliveira; Boruchovitch; Santos, 2011), no uso de estratégias de leitura (Piovezan e Castro,

2008) e de tarefas de casa (Sacco, 2012), outras apontaram dados em favor dos meninos (Vicente Neto, 2010) e uso semelhante entre os gêneros (Perassinoto, 2011; Cruvinel; Boruchovitch, 2004). De fato, tais dados atestam a necessidade de mais investigações sobre a relação entre estas variáveis. Neste sentido futuras pesquisas poderiam ser conduzidas no sentido de ampliar o conhecimento sobre a relação uso de estratégias de aprendizagem e gênero. Por fim, os dados das pesquisas relativos ao uso de estratégias cognitivas e metacognitivas não são conclusivos, necessitando da realização de mais pesquisas para aprofundar o conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale esclarecer que, a ideia de buscar somente artigos, teses e dissertações possui a vantagem de permitir selecionar trabalhos que são resultados de pesquisa. Potencialmente, tem-se o ganho em termos de qualidade dos trabalhos. Contudo, tomando-se por base a lacuna existente de estudos que demonstram diferenças desenvolvimentais do uso de estratégias de aprendizagem nos anos iniciais fez-se a opção por afunilar as pesquisas realizadas nestes anos.

O interesse em investigar os anos iniciais do ensino fundamental refere-se ao fato de ser uma fase crucial para o desenvolvimento das estratégias de aprendizagem, pois é nesse período que as crianças passam a enfrentar demandas acadêmicas mais complexas. Nessa perspectiva, não basta que o professor ensine o conteúdo: é fundamental que ele também ensine como estudá-lo. Assim, tanto alunos quanto docentes devem ter conhecimento sobre o uso adequado dessas estratégias. De acordo com Mello (2018), é necessário que os professores se aprimorem sobre o tema para possibilitar o desenvolvimento da autonomia dos estudantes frente ao processo de aprendizagem. Ensinar o aluno a “aprender a aprender” contribui para uma aprendizagem mais significativa e fortalece sua confiança. Os estudantes precisam saber quais estratégias usar, quando e como utilizá-las, bem como por que

são eficazes diante de determinadas tarefas escolares. Ainda segundo Mello (2018), tanto estratégias simples quanto complexas devem ser ensinadas e treinadas desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Cada aluno, respeitando sua individualidade e potencialidades, poderá adquirir autonomia na escolha das estratégias mais adequadas à construção do próprio conhecimento.

Como enfatizado por Costa e Boruchovitch (2004) é primordial destacar que, ao oportunizar o uso de estratégias desde os primeiros anos de escolarização, o professor contribui para a ampliação progressiva do repertório estratégico dos alunos. Com o tempo, essas estratégias tornam-se mais complexas e flexíveis, promovendo maior controle sobre a aprendizagem e favorecendo o desempenho e as emoções positivas diante de desafios cognitivos.

Por fim, os resultados deste estudo estão em consonância com Mello e Alliprandini (2022), que defendem a utilização de estratégias de aprendizagem, à luz da Teoria do Processamento da Informação, como recurso pedagógico relevante no processo de alfabetização e de todo o Ensino Fundamental. Tal abordagem contribui para a melhoria do desempenho escolar, para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes e para a construção de uma consciência mais clara sobre os próprios processos de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BORUCHOVITCH, Evelyn. Algumas estratégias de compreensão em leitura de alunos do Ensino Fundamental. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 19-25, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572001000100003>. Acesso em: 03 set. 2025.

BORUCHOVITCH, Evelyn. As estratégias de estudo para realização de provas de alunos de 5ª série do 1º grau. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA (org.). *Resumos de comunicações científicas da XXVIII Reunião Anual de Psicologia*. Ribeirão Preto: SBP, 1998. p. 160.

BORUCHOVITCH, Evelyn. Developmental differences in the use of learning strategies among Brazilian students. In: EUROPEAN CONGRESS OF PSYCHOLOGY – EUROPEAN FEDERATION OF PROFESSIONAL PSYCHOLOGISTS ASSOCIATION, 6., 1999, Roma. *Anais [...]*. Roma: ECP, 1999.

BORUCHOVITCH, Evelyn. Developmental differences in the use of learning strategies among Brazilian students Trabalho apresentado no VI European Congress of Psychology da European Federation of Professional Psychologists Association. Roma, Itália, 1999.

BRINER, Rob B.; DENYER, David. Systematic review and evidence synthesis as a practice and scholarship tool. In: ROUSSEAU, Denise M. (ed.). *Oxford handbook of evidence-based management: companies, classrooms and research*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 112–129. Disponível em: DOI: [10.1093/oxfordhb/9780199763986.013.0007](https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199763986.013.0007). Acesso em: 03 set. 2025.

CARVALHO, Marlene Ribeiro de. Estratégias metacognitivas de leitura utilizadas de 2ª a 4ª séries do Ensino Fundamental. 2006. 67 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2006.

COSTA, Elis Regina da. As estratégias de aprendizagem e a ansiedade de alunos do Ensino Fundamental: implicações para a prática educacional. 2000. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2000.197856>. Acesso em: 03 set. 2025.

COSTA, Elis Regina da; BORUCHOVITCH, Evelyn. Compreendendo relações entre estratégias de aprendizagem e a ansiedade de alunos do ensino fundamental de Campinas. *Psicologia: Reflexão e crítica*, Porto Alegre, v. 17, p. 15-24, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000100004>. Acesso em: 03 set. 2025.

COSTA, Elis Regina da; BORUCHOVITCH, Evelyn. As estratégias de aprendizagem e a produção de textos narrativos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 22, p. 173-180, 2009. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000200002>

COSTA, Elis Regina; BORUCHOVITCH, Evelyn. As estratégias de aprendizagem de alunos repetentes do ensino fundamental. *Revista Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 31-39, jan./jun. 2010. Disponível em DOI: <https://doi.org/10.24879/201100500100344>. Acesso em: 03 set. 2025.

CRUVINEL, Miriam. Correlatos cognitivos e psicossociais de crianças com e sem sintomas depressivos. 2009. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2009.446385>. Acesso em: 03 set. 2025.

CRUVINEL, Miriam; BORUCHOVITCH, Evelyn. Sintomas depressivos, estratégias de aprendizagem e rendimento escolar de alunos do Ensino Fundamental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 3, p. 369-378, set./dez. 2004. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000300005>

CUNHA, Maria Fernanda. Estratégias de enfrentamento, estratégias de aprendizagem e motivação: um estudo com escolares da zona rural (MST) e seus professores. 2020. 111 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/13403>. Acesso em: 03 set. 2025.

DAL'AVA, Luciana Rodrigues Ferreira. Pedir ajuda: uma estratégia de aprendizagem pelo olhar de crianças de cinco e seis anos. 2024. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024. Disponível em: <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/handle/123456789/17264>. Acesso em: 03 set. 2025.

DEMBO, Myron H. *Applying educational psychology*. 5. ed. New York: Longman, 1994.

ABRI, Nayla Beatriz. Autorregulação, estratégias de aprendizagem e compreensão de leitura no Ensino Fundamental I. 2020. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782022270068>. Acesso em: 03 set. 2025.

FABRI, Nayla Beatriz; OLIVEIRA, Katya Luciane de; INÁCIO, Amanda L. Monteiro; SCHIAVON, Andreza; BZUNECK, José Aloyseo. Autorregulação, estratégias de aprendizagem e compreensão de leitura no Ensino Fundamental I. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 27, p. 1-22, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782022270068>. Acesso em: 03 set. 2025.

FERREIRA, Loriane de Fátima. Estratégias de aprendizagem do aluno de 5ª série na resolução de situação-problema. 2007. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, Paraná, 2007. Disponível em: https://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tede_busca/arquivo.php?codArquivo=1096. Acesso em: 03 set. 2025.

INGLEZ DE SOUZA, Liliene Ferreira Neves. Auto-regulação da aprendizagem e a matemática escolar. 2007. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2007.406551>. Acesso em: 03 set. 2025.

KOFINAS; Alexander; SAUR-AMARAL, Irina. 25 years of knowledge creation processes in pharmaceutical contemporary trends. *Comportamento Organizacional e Gestão*, Lisboa, v. 14, n. 2, p. 257-280, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.12/4836>. Acesso em: 03 set. 2025.

MATEUS, Elaine Cristina. Compreensão de leitura, estratégias de aprendizagem e motivação

para aprender em alunos do ensino fundamental I. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/15860>. Acesso em: 03 set. 2025.

MELLO, Fabiane de Oliveira. Estratégias de aprendizagem utilizadas por alunos do ensino fundamental I em processo de alfabetização. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/10390>. Acesso em: 03 set. 2025.

MELLO, Fabiane de Oliveira; ALLIPRANDINI, Paula Mariza Zedu. Estratégias de aprendizagem de alunos do ensino fundamental em processo de alfabetização. *Revista de Psicologia*, Lima, v. 40, n. 2, p. 935-955, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18800/psico.202202.011>. Acesso em: 03 set. 2025.

MONTEIRO, Carolina Reis. A aprendizagem da ortografia e o uso de estratégias metacognitivas. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/7838>. Acesso em: 03 set. 2025.

MOREIRA, Ana Elisa da Costa. Relações entre as estratégias de ensino do professor, com as estratégias de aprendizagem e a motivação para aprender de alunos do ensino fundamental 1. 2013. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/14368>. Acesso em: 03 set. 2025.

OLIVEIRA, Katya Luciane de. Escala de estratégias de aprendizagem para o Ensino Fundamental: análise de suas propriedades psicométricas. 2008. 179 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2008.430850>. Acesso em: 03 set. 2025.

[CAMP.2008.430850](https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2008.430850). Acesso em: 03 set. 2025.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; BORUCHOVITCH, Evely; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Estratégias de aprendizagem no ensino fundamental: análise por gênero, série escolar e idade. *Psico*, v. 42, n. 1, p. 98-105, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/6273>. Acesso em: 03 set. 2025.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; OLIVEIRA, Gracielly Terziotti de; INÁCIO, Amanda L. Monteiro; BELUCE, Andrea Carvalho; OLIVEIRA, Maria Fernanda Cunha; ROSSETI, Roberta Ribeiro. Estratégias de aprendizagem no ensino fundamental paranaense: mapeando diferenças entre anos escolares. *Argumentos Pró-Educação*, Pouso Alegre, v. 5, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24280/10.24280/ape.v5.e572>. Acesso em: 03 set. 2025.

PERASSINOTO, Maria Gislaine Marques. Estratégias de aprendizagem no ensino fundamental: relações com regulação emocional, motivação e rendimento escolar. 2011. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2011.803507>. Acesso em: 03 set. 2025.

PERASSINOTO, Maria Gislaine Marques; BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo. **Estratégias de aprendizagem e motivação para aprender de alunos do ensino fundamental.** *Revista Avaliação Psicológica*, v. 12, n. 3, p. 351-359, 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-4712013000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2025.

PIOVEZAN, Nayane Martoni; CASTRO, Nelimar Ribeiro de. Compreensão e estratégias de leitura no ensino fundamental. *Psic, São Paulo*, v. 9, n. 1, p. 53-62, jun. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-

73142008000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2025.

PORTILHO, Evelise Maria Labatut; DREHER, Simone A. Souza. Categorias metacognitivas como subsídio à prática pedagógica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 181-196, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011005000009>. Acesso em: 03 set. 2025.

PRATES, Kelly Cristina Ramires; LIMA, Ricardo Franco de; CIASCA, Sylvia Maria. Estratégias de aprendizagem e sua relação com o desempenho escolar em crianças do Ensino Fundamental I. *Rev. psicopedag.*, São Paulo, v. 33, n. 100, p. 19-27, 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pi-=-S0103-84862016000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2025.

RAMOS, Altina; M. FARIA, Paulo; FARIA, Ádila. Revisão sistemática de literatura: contributo para a inovação na investigação em Ciências da Educação. *Revista Diálogo Educacional*, [S. l.], v. 14, n. 41, p. 17-36, 2014. DOI: 10.7213/dialogo.educ.14.041.DS01. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/2269>.

SACCO, Susy Generoso. Um estudo sobre hábitos e estratégias de aprendizagem na realização da lição de casa de alunos do ensino fundamental. 2012. 81 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SCHLIEPER, Mariana della Mura Jannini. As estratégias de aprendizagem e as atribuições de causalidade de alunos do ensino fundamental. 2001. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SERAFIM, Tania Maria. As estratégias de aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental: uma análise por gênero, série escolar e idade. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia – Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SERAFIM, Tania Maria. A estratégia de pedir ajuda de estudantes do Ensino Fundamental. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SERAFIM, Tania Maria; BORUCHOVITCH, Evelyn. Pedir ajuda: uma estratégia de aprendizagem de estudantes do Ensino Fundamental. As estratégias de aprendizagem e o gênero entre escolares. *In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL*, 8., 2007, São João Del Rei. *Proceedings [...]*. São João Del Rei: CONPE, 2007.

SILVA, Joice Ribeiro Machado da. O ensino das estratégias de compreensão leitora: uma proposta com livros de literatura infantil. 2014. 223 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/108629>. Acesso em: 03 set. 2025.

SUEHIRO, Adriana Cristina Boulhoça; BORUCHOVITCH, Evelyn; SCHELINI, Patrícia Waltz. Estratégias de aprendizagem e a regulação da emoção no Ensino Fundamental. *Est. Inter. Psicol.*, Londrina, v. 9, n. 3, supl. 1, p. 90-111, dez. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pi-=-S2236-64072018000400007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 set. 2025.

TANIKAWA, Helena Akemi Motoki. Monitoramento Metacognitivo: um estudo sobre suas relações com o pedir ajuda, o autoconceito e a motivação para aprender de estudantes do Ensino Fundamental. 2014. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

TANIKAWA, Helena Akemi Motoki; BORUCHOVITCH, Evelyn. Monitoramento metacognitivo de alunos do ensino fundamental. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 20, p. 457-464, 2016. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2014.936009>. Acesso em: 03 set. 2025.

TRASSI, Angélica Polvani. Estilos intelectuais, raciocínio verbal, estratégias de aprendizagem e compreensão de leitura no ensino fundamental. 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/16143>. Acesso em: 03 set. 2025.

VICENTE NETO, José. Estratégias de Aprendizagem e Sintomas de Depressão Infantil. 2021. 126 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6888>. Acesso em: 03 set. 2025.

ZIMMERMAN, Barry J. Becoming a self-regulated learner: an overview. *Theory into Practice*, [s. l.], v. 41, n. 2, p. 64-70, 2002. Disponível em: DOI: [10.1207/s15430421tip4102_2](https://doi.org/10.1207/s15430421tip4102_2). Acesso em: 03 set. 2025.

Recebido em 03 de março de 2026
Aceito em 23 de março de 2026